



**RESSIGNIFICAÇÃO DE OBJETOS ATRAVÉS DA ARTE: REPETIÇÃO E
ACÚMULO DE OBJETOS BANAIS E OBSOLETOS**

**RESSIGNIFYING OBJECTS THROUGH ART: REPETITION AND
ACCUMULATION OF BANAL AND OBSOLETE ITEMS**

Eduarda Coelho Borges¹
IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense
Associado/a/e ANPAP:
Não

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a resignificação de objetos cotidianos descartados, explorando como a repetição e o acúmulo desses materiais constroem uma poética. Partindo de referências teóricas, analiso obras que subvertem a lógica do consumo, transformando o banal em narrativas visuais. A discussão dialoga com autores como Jean Baudrillard, Olivia Nery e Lia Assumpção, para questionar o valor simbólico dos objetos em uma sociedade marcada pela obsolescência programada.

Palavras-chave: Objeto; Acúmulo; Memória; Obsolescência Programada; Resignificação.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the resignification of discarded everyday objects, exploring how repetition and accumulation of these materials construct a poetic narrative. Based on theoretical references, I analyze artworks that subvert the logic of consumption, transforming the banal into visual narratives. The discussion dialogues with authors such as Jean Baudrillard, Olivia Nery, and Lia Assumpção, in order to question the symbolic value of objects in a society marked by planned obsolescence.

KEYWORDS: Object; Accumulation; Memory; Planned Obsolescence; Resignification.

¹**Eduarda Coelho Borges** é artista visual, graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e graduanda em Design no IFSul - Instituto Federal Sul-rio-grandense. Sua pesquisa transita entre arte e design, com foco na resignificação de objetos descartados, abordando memória, consumo, materialidade e processos de acumulação e repetição no fazer artístico. (<http://lattes.cnpq.br/3191692565816473>)



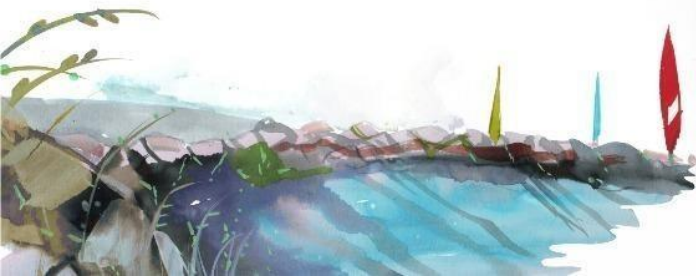
Introdução:

Nossa relação com objetos e utensílios do cotidiano é muitas vezes ignorada e permeada por uma banalidade através de atos repetitivos inseridos na nossa rotina, esses objetos são cercados por camadas de significação que excedem o seu valor de uso. Por mais banais e simples que sejam, como tampinhas de garrafas, lacres, fios ou qualquer outro objeto que seja considerado lixo, acumulam e deixam marcas da passagem do tempo no ambiente. De acordo com o Panorama Global do Manejo de Resíduos em 2024, prevê-se que a geração de resíduos sólidos municipais atinja a marca de 3,8 bilhões de toneladas em 2050, a relação entre consumo e arte se torna-se uma aliada para questionar e voltar nosso olhar para nossa relação com o meio ambiente.

De um item funcional para lixo em questão de horas, dias ou instantes, nunca vivemos tanto na efemeridade, de redes sociais a objetos, com valor significativo ou não, nunca produzimos tanto lixo. Diante da obsolescência programada e do consumo desenfreado, podemos transformar materiais obsoletos, rejeitados e usados em um ato de questionamento ou peça de fragmento de memória e crítica social, brincando com o supérfluo e o descartável.

Através desta linha de pensamento, quero abordar o modo como a arte pode ressignificar resíduos em obras que atribuem novos significados à materialidade. Reviver objetos que seriam descartados, explorando a sua versatilidade na simplicidade, buscando compreender a potência na construção de sentido, revelando em consideração a repetição e o acúmulo ressignificado o ordinário e criando novas possibilidades. Partindo desta ideia de deslocamento de objetos, levando o questionamento, em qual momento um objeto perde o seu valor?

Este artigo, parte de um questionamento que surgiu durante a minha produção acadêmica e explora a manipulação de objetos banais como material para obras artísticas, busco questionar as relações entre arte, memória, consumo e lixo e o



impacto da materialidade na experiência sensorial e afetiva, especialmente no trabalho *Entranhas I*, que reflito como a repetição e acúmulo de materiais obsoletos desafia a percepção do valor, questiona o consumo e constroi uma estética do efêmero, a partir de uma pesquisa baseada na prática artística, metodologia que compreende o processo criativo como mecanismo de construção de conhecimento. Ao lidar com materiais descartados, aciono não apenas um gesto estético, mas também um gesto político, que atravessa a materialidade, a memória e a crítica ao consumo. O fazer artístico aqui não se separa da reflexão teórica, constituindo-se como um campo híbrido, onde os próprios objetos, suas ausências de função e seus deslocamentos poéticos, operam como enunciadores de pensamento.

Consumo e Resignificação; Objetos banais, entre o afeto e o descartável, Obsolescência Programada e o ciclo de consumo:

De *Wunderkammer* ('*Armários de curiosidades*') na qual surgiu durante Renascença, mantidos por colecionadores particulares, coletavam objetos raros e obscuros, e até a contemporaneidade, o ato de guardar e acumular reflete a tentativa da humanidade guardar a sua história e enfrentar o tempo e a efemeridade. Olivia Nery, professora da UFRGS, em seu artigo: *Objeto, memória e afeto: uma reflexão*, afirma que os objetos que acumulamos revelam fragmentos de nossa identidade, na construção do indivíduo os objetos carregam valor significativo e afetivo, alguns deles independente do valor material, entre objetos funcionais e obsoletos:

“Ao observarmos nosso entorno podemos perceber que estamos cercados por inúmeros objetos, como assim já observou Abraham Moles (1972) e Jean Baudrillard (1972) ao questionarem a necessidade de criarmos um inventário para que pudéssemos organizar e entender os objetos que nos cercam. Assim, os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes



domésticas.” (NERY, 2017).

Jean Baudrillard, em *A Sociedade do Consumo* (1995), a sociedade de consumo é caracterizada pelo círculo vicioso de crescimento e acumulação. O valor dos objetos são valores de símbolo, não mais consumidos pelo valor de uso, o que diferencia a personalização e o status social dos indivíduos, tornando o consumo como uma forma de comunicação, ele argumenta que objetos são signos que comunicam status e pertencimento.

Na dissertação de mestrado de Lia Assumpção “*Obsolência Programada, práticas de consumo e design: uma sondagem sobre bens de consumo*”, a autora discute a obsolescência programada e a consequência negativa que ocorre em função do descarte excessivo de produtos que ocasionam degradação ambiental, desigualdade social e perda de sentido aos objetos que nos rodeiam, criando uma insatisfação pessoal que afeta nosso comportamento tanto quanto sentimental como de posicionamento em relação ao nosso modo de consumir.

A obsolescência programada consiste na redução do tempo útil dos produtos, como uma estratégia para estimular o consumo e a acumulação de riquezas, utilizando o design e práticas de consumo como ferramenta, afetando diretamente os padrões de descarte em todos os setores, da moda ao lixo eletrônico, intensificando a degradação de recursos naturais.

Diante da lógica contemporânea de descarte, apagamento e obsolescência, pensar a persistência de materiais e memórias torna-se um gesto de resistência. É nesse sentido que a reflexão de Georges Didi-Huberman (2011) em *Sobrevivência dos vaga-lumes* se torna potente ao afirmar que, mesmo diante dos apagamentos culturais, permanecem os lampejos de resistência, como pequenas luzes intermitentes que teimam em existir, ainda que frágeis. “*O improvável e minúsculo esplendor dos vaga-lumes [...] não metaforiza nada mais do que a humanidade reduzida à sua mais simples potência de nos acenar na noite.*” (Didi-Huberman, 2011, p. 30). Assim como os vaga-lumes resistem à cegueira produzida pela superexposição — metáfora do excesso, da mercadoria e do



consumo —, o gesto de coletar, acumular e reorganizar resíduos se configura como um lampejo poético contra o apagamento simbólico das coisas e das histórias.

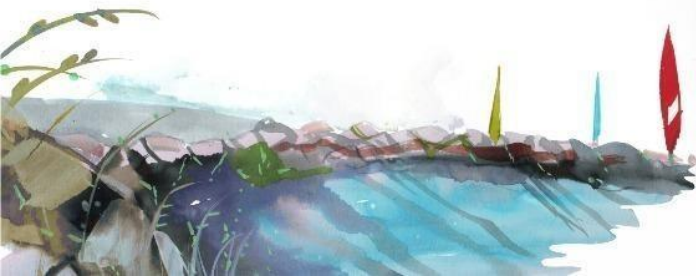
Resgatando esses objetos do esquecimento e da banalidade (e do lixo), a polissemia do objeto me instiga a sua ressignificação, dialogando com aspectos sensoriais, históricos e afetivos, ampliando sua força expressiva. Tornando o descartável e o banal em protagonista de novas narrativas visuais, onde resíduos ganham novos significados, transformando-se em um objeto de resistência, propondo outras formas sensoriais e emocionais com os vestígios da sociedade de consumo em que vivemos.

Processos Criativos; Repetição e acúmulo: “Entranhas I”:

Transformar objeto banais ou do cotidiano, deslocando eles do seu destino para esculturas, instalações, pinturas e assemblages, não é inovador, mas conduz uma potência crítica importantíssima ao longo da arte, de Duchamp a Jac Leirner, o objeto se torna protagonista da obra, parte de inspiração para elaboração em torno do mesmo e sendo protagonista e material da obra em si, singularmente modificado ou acoplado a outro, ou inserido em uma série de repetições.

Ao ressignificar o lixo, artistas desafiam a lógica do consumo, artistas na qual eu levo como inspiração para meus trabalhos, utilizam de forma magnífica, elementos banais e utilizam do acúmulo para ampliar essa crítica, Alejandro Durán, uma artista mexicano, percorre praias do México recolhendo lixo e utiliza em sua instalações, com o intuito de expor a degradação ambiental nas praias do México, expondo o acúmulo de lixo nas paisagens. Já Zemog, artista brasileiro, explora explorando conceitos como apropriação e a ressignificação de objetos do cotidiano, como tampas de garrafa em diversos formatos e disposições.

A prática de Arman é particularmente fascinante no que diz respeito à repetição,

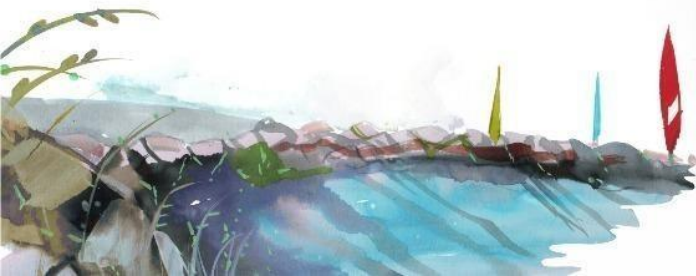


acúmulo e memória; vejo nesses elementos, uma linguagem visual rica que dialoga com a natureza efêmera da existência. Sua perspectiva singular para a criação de obras artísticas, na maioria das vezes centrada na acumulação de objetos, evidenciou temas como o consumo, materialismo e a efemeridade. Durante a sua carreira, Arman adotou a ideia de incluir objetos do dia a dia em suas obras, a repetição desses elementos não apenas destaca o impacto da multiplicidade, mas também evoca uma reflexão sobre o consumismo e as complexidades da sociedade contemporânea.

A busca de Arman por acumular e ressignificar o banal não apenas desafia as práticas tradicionais da arte, mas também explora constantemente o papel da memória na construção da identidade visual. Esses elementos não são apenas temas em suas obras, mas também são provocativos para artistas em construção como eu, me inspirando a repensar sobre as possibilidades expressivas no nosso próprio caminho artístico. Pensando na ideia de quando o objeto some do foco principal e se torna outra coisa passando a ser só materialidade, questionando a origem pelo acúmulo, apropriar-me de materiais já existentes e banais, que são facilmente descartados e considerados lixo foram o pontapé para iniciar a minha jornada no mundo dos objetos banais e descartáveis.

Em "Entranhas I", uma das minhas primeiras produções, ao começar a elaborar o projeto, minha primeira decisão foi pelo uso dos lacres, minha proposta era criar uma escultura que atravessasse o ambiente verticalmente e que, ao mesmo tempo, fosse maleável. A possibilidade de ser disposta de diversas maneiras foi o elemento-chave na escolha dos materiais.

O acúmulo ao longo dos anos me permitiu criar um ritmo insano de trabalho que por quase nove horas seguidas a ação de colocar lacre após lacre em um fio contínuo remeteu ao próprio processo pré-obra, a repetição de movimentos acabou por alinhar esse acúmulo desordenado em uma linha consistente, composta por fragmentos de um objeto (lata) inútil após o esgotamento de suas finalidades. A ideia



de permitir que a escultura fosse pendurada em diversos locais e de variadas maneiras contribuiu com a intenção de criar uma intervenção por onde passasse. A possibilidade de ser disposta de diversas maneiras foi o elemento-chave na escolha dos materiais. A maleabilidade do arame permite que o corpo da obra se enrosque em si mesmo, se expanda ou se contraia, criando relações espaciais que tensionam visibilidade, acúmulo e fluxo.



Imagem 1. *Entranhas I*ª Eduarda Borges - Lacre da latinha com arame galvanizado. Dimensões variadas, 2022.

Acredito que consigo ter dimensão da quantidade de lacres que juntei e como isso me faz refletir sobre a própria 'linha' do tempo em que estamos inseridos. O ato de acumular se tornou explicitamente presente neste trabalho, quando lembro do processo de criação, escolha do material e o próprio fazer. A repetição é o elemento extremamente importante e presente, dita e enfatiza uma obsessão que, em uma linha contínua, se organiza sem fator de importância ou prioridade, afinal, todos são iguais; repetidos.



A obra *Entranhas I* emerge desse desejo de ressignificar aquilo que foi descartado. Utilizei, como matéria principal, lacre de alumínio e arame galvanizado, coletados ao longo de aproximadamente dois anos, tanto de forma individual quanto por meio de doações.

A repetição de lacres, organizados em fios, não apenas remete ao consumo exacerbado, mas também constroi um ritmo que transforma os objetos, a memória materializada no acúmulo é o catalisador da resistência ao desaparecimento, questionando quando esse objeto perde a sua funcionalidade, atribuindo um deslocamento no seu destino final habitual.

Muito mais que um recurso, a repetição é uma estratégia que enfatiza a experiência técnica e ajuda a construir narrativas. Além de alterar a funcionalidade, funciona como crítica social, trazendo a discussão para o mecanismo da produção em massa, questionando a relação entre pessoa, objeto e consumo. Um aspecto da repetição é ativar a memória coletiva em relação a fragilidade humana. A organização de elementos idênticos em sequências cria efeitos visuais que provocam diferentes reações no espectador, mas também pode esvaziá-lo, tornando-o aberto a interpretações.

O ato de acumular e organizar objetos ressignificando-os não é apenas arte, mas uma forma de resistência ao esquecimento e a obsolescência. As camadas de significados empregadas aos objetos criam uma narrativa coletiva, onde a materialidade se funde à experiência subjetiva do tempo e do acúmulo, como um elemento essencial para a obra. Cada elemento, quando isolado, parece insignificante — uma peça esquecida de um sistema maior —, mas, quando reunido, revela a potência simbólica do acúmulo, da persistência e da transformação.

A reação do público costuma oscilar entre o estranhamento e a contemplação, frequentemente gerando questionamentos sobre a quantidade de consumo



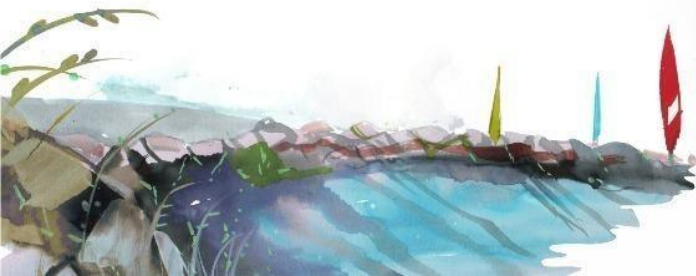
necessária para gerar tal acúmulo material. A obra, portanto, opera como um reflexo do excesso e da invisibilização do que é descartado, tensionando memória, consumo e estética.

Considerações finais:

O texto "O que as imagens realmente querem?", de W. J. T. Mitchell, argumenta que as imagens "querem" algo, carregando narrativas, o acúmulo pode ser visto como uma forma de alertar sobre o esquecimento desses resíduos propondo um diálogo entre o espectador e os materiais. Ao serem reaproveitados, ganham uma nova existência e reivindicam seu significado na construção da memória e destino. Mitchell cita e questiona na página 186: "*O que as imagens querem de nós, o que falhamos em dar-lhes, é uma ideia de visualidade adequada a sua ontologia.*", sugerindo que há diferença entre a forma como as percebemos e a natureza das imagens, sem considerar seus aspectos mais profundos reduzimos a signos superficiais o que influencia no consumo e na maneira como lidamos com os objetos, a arte, a publicidade, etc

Em uma sociedade capitalista, a materialidade, o ter e o poder são fundamentais para entreter uma nação. O acúmulo de posses nunca foi tão desenfreado, sobra muito para poucos e pouco para muitos e ao passar dos anos vão surgindo novas questões que assombram a humanidade, a tecnologia e o consumo nunca foram tão desenfreados e isto gera um grande impacto no planeta.

A arte que utiliza de restos se torna um manifesto contra o esquecimento do impacto de nossas ações no ambiente em que vivemos, ela propaga a poesia da banalidade de nossas ações. O acúmulo e repetição de objetos banais, transcendem de meros objetos descartados para dispositivos poéticos que problematizam a relação entre materialidade, memória e valor simbólico, executando através de volume e intensidade que ao ser revisitado, somam novas interpretações, revela o ordinário que quando ressignificado, flerta com o testemunho do rastro de lixo na qual



“somem” do nosso olhar e quando são descartados.

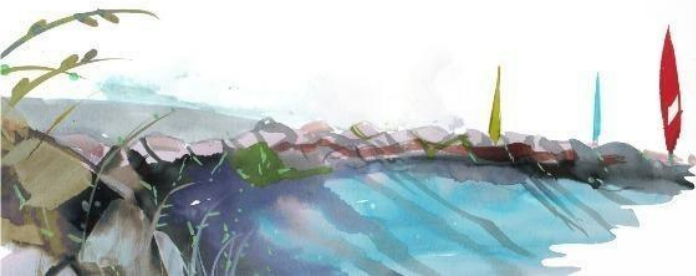
Repetição e o acúmulo ressignificam os objetos ao inseri-los em um novo contexto, a experiência sensorial e simbólica gerada pela reutilização de materiais banais reforça a arte como resistência à efemeridade do mundo contemporâneo. O objeto retirado de seu funcionamento e inserido na arte ele questiona e abrange novos significados, ao observar objetos obsoletos, somos levados a pensar no valor atribuído e a nossa relação com o que consumimos, confronta as nossas ações e a relação com o meio ambiente.

A relação entre memória, consumo, repetição e banalidade evidencia a dicotomia entre o duradouro e o efêmero, este artigo discute a exploração de objetos banais, através de deslocamentos. A obsolescência programada contribui para a substituição de bens rapidamente e detona o ambiente em que vivemos, a arte pode acelerar esse olhar para o consumo desenfreado, atuando como um contraponto, conferindo novos significados a objetos descartados.

Assim como os vaga-lumes que, segundo Didi-Huberman, sobrevivem aos apagamentos e brilham intermitentes na escuridão, a poética do acúmulo e da transformação emerge como um lampejo que resiste à obsolescência e ao esquecimento. Na metáfora proposta pelo autor: *“Não foi na noite que os vaga-lumes desapareceram, com efeito. Quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão. [...] Eles desapareceram na ofuscante claridade dos ‘ferozes projetores’ [...]”* (Didi-Huberman, 2011, p.30). Portanto, este trabalho não se propõe a restaurar um passado perdido, mas a evidenciar as brechas, os resíduos e os restos como matéria viva de uma poética que se recusa a desaparecer. São entranhas de um mundo que, mesmo descartado, ainda pulsa.

Referências

ARMAN STUDIO. The artist – biography. Disponível em: <https://www.armanstudio.com/the-artist/biography>. Acesso em: 12 fev. 2025.



ASSUMPÇÃO, Lia. *Obsolescência programada, práticas de consumo e design: uma sondagem sobre bens de consumo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: Acesso em: 9 fev. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/613769/mod_resource/content/1/BAUDRILLARD_1995_A_sociedade_de_consumo.pdf. Acesso em: 9 fev. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Acesso em: 5 jun. 2025.

GRANARY ARTS. Alejandro Durán – Washed Up. Disponível em: <https://www.granaryarts.org/alejandrodurn-washed-up>. Acesso em: 11 fev. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Resíduos sólidos urbanos no Brasil: desafios tecnológicos, políticos e econômicos*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/217-residuos-solidos-urbanos-no-brasil-desafios-tecnologicos-politicos-e-economicos>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emanuele (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 185-206. Acesso em: 5 fev. 2025.

NERY, Olivia. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/111133102/Objeto_mem%C3%B3ria_e_afeto_uma_reflex%C3%A3o. Acesso em: 2 fev. 2025.

SOUTH STREET SEAPORT MUSEUM. *Wunderkammer: Artificialia*. Nova York, 2024. Disponível em: <https://southstreetseaportmuseum.org/wunderkammer-artificialia/>. Acesso em: 3 fev. 2025.

31º
Encontro
Nacional
da Anpap

